



## Uma invisibilidade performática: pedagogia estética e materialismo literário em bell hooks

*A performative invisibility: aesthetic education and literary materialism in bell hooks*

### Dossiê

Luiz Mauricio Azevedo da Silva\*

ORCID: 0000-0002-6813-1299

E-mail: mauricioazevedomeister@gmail.com

Recebido: 22/10/21

Aprovado: 22/12/21

### Resumo

A rotina de circulação da obra crítica da pensadora afro-americana bell hooks, falecida em 2021, tem obedecido a um imperativo externo francamente nocivo ao potencial materialista de sua obra. Esse artigo tem como objetivo erodir as repercussões desse equívoco, proporcionando um debate que recomponha o aspecto radical de suas reflexões e o valor delas para o campo dos estudos de literatura. Meu argumento aqui é de que hooks angariou elementos seminais suficientes para a postulação de uma teoria literária materialista.

### Palavras-chave

Radicalismo. Feminismo negro. Teoria literária materialista.

### Abstract

The routine of dissemination of bell hooks ideas (a remarkable African American thinker, who died in 2021) has obeyed to an social imperative, harmful to the materialist potential of her work. The following paper aims to erode the repercussions of this misunderstanding, providing a debate that recomposes the radical perspective of her reflections and their value for the field of Literary Theory. My point here is that hooks has gathered enough seminal elements for the postulation of a materialist literary theory.

### Keywords

Radicalism. Black feminism. Marxist literary theory.

Um dos piores efeitos que a morte pode ter sobre a recepção da obra de uma pesquisadora talvez seja a tendência a uma encenação de acerto de contas com tudo aquilo que a ela, em vida, supostamente deveria ter alcançado. Assim, acumulam-se os lamentos em torno de eventuais prêmios e distinções que não foram dadas por conta dos contextos políticos e dos supostos conchavos de aqui e de acolá (embora nunca se expliquem exatamente quais contextos são esses e quem está por trás dos conchavos). Acusa-se genericamente o estado das coisas, até que tudo resulte no diagnóstico inócua de que a cultura – essa entidade – é a grande responsável pelas

\* Doutor em Teoria e História Literária, Universidade Estadual de Campinas. Pós-doutorado em andamento, com pesquisa intitulada “O cânone e a produção literária afrobrasileira na contemporaneidade”, desenvolvida no programa de pós-graduação do departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), sob supervisão da Profa. Dra. Rosângela Sarteschi

injustiças históricas que a luta de classes produz. Como consequência lógica desse raciocínio, o apagamento das figuras intelectuais negras seria mais um capítulo do racismo (agora acrescido exaustivamente pelo adjetivo *estrutural*) – a ser debitado *especificamente* do campo da cultura, uma vez que o campo sociopolítico foi dela dissociado e, por isso, caberia a nós desfazer com memória e generosidade o que a realidade objetiva impõe. A teoria seria, assim, uma espécie de produção ficcional sobre aquilo que nos cerca, cujo objetivo não é transformar o mundo, mas embelezá-lo, tornando mais poética nossa experiência na Terra.<sup>1</sup>

A obra da afro-indígena Gloria Jean Watkins (que assinava sua produção sob o pseudônimo de bell hooks) infelizmente atravessa esse calvário nesse momento. O objetivo desse artigo é transportá-la para perto de uma das margens do rio, a margem esquerda. A tentativa de apagar sua origem marxista tem mais a ver com as limitações da circulação da teoria materialista na comunidade negra do que com qualquer crítica real e digna de nota dela em relação ao Marxismo ocidental. Seu pensamento, embora nunca tenha reivindicado qualquer filiação, fazia parte do mesmo campo semântico do de Cornel West, Cedric Robinson e Angela Davis. Portanto, a concepção de que sua obra teria sido construída em paralelo às elaborações epistemológicas circulantes em seu tempo não passa de engodo. A preocupação científica de hooks era com uma epistemologia que não fugisse à estrutura que lhe deu origem, uma teoria que fosse capaz de criticar as estruturas que a construíram, fazendo a autonomia do juízo crítico.

O diagnóstico que bell hooks ofereceu não foi inédito no método, mas sim no alvo: deslocar o olhar crítico para o levantamento das responsabilidades – e, portanto, das potências – da própria comunidade negra, de modo a desabilitar as fantasias de que outros grupos deveriam oferecer por empatia, culpa ou delicadeza, os espaços de poder, agência e controle que nós precisamos alcançar. Não seria no processo de negociação, defendia ela, que a libertação seria conquistada, e sim na destruição dos elementos que sustentam qualquer reinado: a legitimidade supostamente ancestral de sua existência. No caso da experiência negra, as opressões do racismo lançaram suas raízes sobre as ancestralidades negras, até que a própria investigação do passado africano passasse a se confundir com o flagrante sistemático das mesmas condições de subalternia negra no presente. Isso provoca a sensação de que aquilo que é material e específico se torna abstrato e universal. Carências econômicas, insuficiências financeiras e impedimentos legais se tornam angústias, ansiedades e limitações morais. E a reivindicação que poderia surgir a partir da comparação dos privilégios de um grupo é facilmente convertida em insatisfação ordinária, comum a qualquer vida humana. Do ponto de vista prático, nada muda. Do ponto de vista simbólico, os oprimidos passam a se sentir parecidos com os opressores. E por se sentirem parecidos com eles, já não conseguem reclamar suas dívidas.

Apenas um processo profundo de resgate da identidade negra – e dos elementos que a definem – poderia alterar esse quadro. Se há algo de insuficiente na luta negra, esse demérito tem que ser procurado no seio da comunidade negra e não fora dele. Afinal, não faria sentido

---

1. Causa espécie notar que, na última década, no léxico dos acadêmicos progressistas não marxistas, poesia tornou-se sinônimo de beleza. Fato é que, para aqueles que não têm um conceito formado de literatura, qualquer coisa pode tomar o aspecto de literário, ocupando seu lugar e operando em seu nome. Certa vez presenciei uma desprezível conversa entre uma docente da área das Letras e um romancista contemporâneo. Ela afirmava, em tom religioso: “a última coisa que eu quero é dizer coisas dos livros de vocês com as quais vocês não concordem. Seria uma violência.” E acrescentou, gravíssima: “Não estou aqui para isso.” Para além do efeito de anedota, o episódio serve tanto para ilustrar a falta de consciência crítica que alguns de nós têm sobre sua atividade de teórico, quanto para confirmar a existência de uma melancólica relação de subserviência dos teóricos aos objetos ou, pior, bem pior, da academia aqueles que a detestam.

elencar os motivos da derrota de uma guerra no coração do exército inimigo que nos venceu.<sup>2</sup> Por isso, o pensamento de bell hooks deve ser compreendido na esteira de uma concepção de crítica combativa, como foi, aliás, toda sua trajetória intelectual. Desde a grafia de seu nome, em minúsculas, algo que por natureza desestabiliza a forma gráfica ideal e torna o jogo da citação bastante desconfortável, até mesmo os temas que percorreu – a saber: racismo, engajamento, representatividade, saberes pedagógicos populares, feminismo negro – toda sua obra resulta em uma catedral epistemológica imponente e assustadora. Contudo, a despeito do muito do que foi dito a respeito de sua obra no Brasil, hooks jamais pretendeu reinventar as estruturas que a cercavam, mas destruí-las, dentro de uma lógica radical materialista bastante fácil de identificar: o da transformação da realidade, e não apenas do inventário de seus elementos.<sup>3</sup>

No campo da produção literária, essas intenções teóricas podem fornecer importantes caminhos para a compreensão do texto de autores e de autoras afrodescendentes. É possível ver em Alice Walker (2011) e Colson Whitehead (2017), por exemplo, que alguns elementos apontados por hooks reverberam como prova do caráter investigativo-pedagógico da literatura negra. Há um retorno (ora celebrativo, ora fantasmagórico) das pulsões que transformaram o imaginário negro em um repositório de tensões históricas e simbologias de guerra.<sup>4</sup> De toda sorte, tanto nos romancistas citados quanto em hooks, a tensão entre responsabilidades do indivíduo e os presumíveis poderes da coletividade negra moldam uma literatura com potencial educador, sem que isso signifique, no entanto, uma instrumentalização “pedagogizante” do objeto literário.

A produção artística negra deve, para hooks, não apenas representar o novo, mas ser *interpretada* a partir de novas perspectivas intelectuais. Não bastaria apenas pensar a arte em elementos aprisionados pela ideologia dominante. Seria preciso, ainda segundo ela, refundar as bases da resistência crítica, de modo a criar uma linguagem específica através da qual a crítica negra seja capaz de produzir efeitos positivos práticos aos negros e não apenas ao sistema. Do modo como se apresentam, as produções culturais dos negros no capitalismo tardio respondem não aos anseios da coletividade negra, mas aos anseios de ascensão social de uma parte específica da comunidade negra. Do modo como é vislumbrada hoje, a superação do racismo aparece apenas como um elemento adornante na construção da narrativa do herói no mundo do Capital.<sup>5</sup> Essa suposta trajetória de desdobramento futuro, algo que povoa grande parte do imaginário coletivo negro, encontra eco na promessa mal-intencionada que dissolve o elo socialmente visível entre a carência-dos-que-nada-têm e o acúmulo-excessivo-dos-que-tudo-parecem-possuir. Dessa forma, certos indivíduos negros acreditam que a vida econômica é uma espécie de pista de corrida que, a depender da velocidade com que a conseguimos enfrentar, reserva ao final um banquete de alívios e recompensas diretamente proporcional à nossa ordem de chegada. Tudo aquilo que não foi

---

2. Se compararmos o progresso relativo dos afro-americanos na educação e no emprego à luta para garantir algum controle sobre a forma como somos representados, especialmente na mídia de massa, vemos que houve poucas mudanças nos domínios da representação. Ao abrir uma revista ou um livro, ligar a TV, assistir a um filme ou olhar fotografias em espaços públicos, é muito provável que vejamos imagens de pessoas negras que reforçam e reinstituem a supremacia branca. Essas imagens podem ser construídas por pessoas brancas que não se despiram do racismo ou por pessoas negras ou não brancas que vejam o mundo pelas lentes da supremacia branca – o racismo internalizado. É claro, aqueles entre nós comprometidos com a luta da libertação dos negros, com a liberdade e a autonomia de todas as pessoas negras, precisam encarar todos os dias a realidade trágica de que, coletivamente, realizamos poucas revoluções em termos de representação racial – se é que fizemos alguma (HOOKS, 2019b, p. 32)

3. Gostaria que houvesse uma citação menos óbvia da que vou lançar agora, mas, se há, desconheço: “Os filósofos têm apenas interpretado o mundo de maneiras diferentes; a questão, porém, é transformá-lo” (MARX, 2014, p. 585).

4. “We are the ones we have been waiting for” [“Nós somos aqueles por quem temos esperado”, tradução nossa], é um lema da comunidade afro-americana, utilizado exaustivamente na primeira campanha presidencial de Barack Obama, em 2008.

5. Sobre o tema, cf. MORETTI (2014).

possível ser alcançado em vida se estende a uma função de inspiração, na qual a figura da autora é fornecida como prova de um sacrifício. A todo momento deve-se invocá-la, não mais como forma de inspiração dos santos e da escatologia, mas agora como objeto cultural de chantagem, através do qual se pode obter, na extorsão nossa de cada dia, vantagens para si, ironicamente, as vantagens que a própria autora negou para ela. É exatamente isso que os indivíduos querem dizer quando se apresentam como herdeiros desse ou daquele autor ou dessa ou daquela autora. Não são adeptos de uma teoria ou fiéis a uma linha de pensamento, e sim credores daquilo que ainda não pode ser usufruído por quem de fato reuniria a legitimidade estético-antropológica para reivindicar posse.

Embora Angela Davis seja um ícone cultural popular, a maioria das mulheres negras é “punida” e “sofre” quando faz escolhas contrárias às ideias que prevalecem na sociedade a respeito do que as mulheres negras deveriam ser ou fazer. A maioria das mulheres negras radicais não foi pega pelo consumismo capitalista. Viver com simplicidade é o preço que a pessoa paga por fazer uma escolha diferente. Não foi por acaso que Zora Neale Hurston morreu pobre. Sujeitas negras radicais tiveram que se educar para a consciência crítica, lendo, estudando e se envolvendo com pedagogia crítica, ultrapassando as fronteiras para obter conhecimento que precisamos. As raras mulheres negras radicais que começaram organizações e grupos estão tentando construir uma base coletiva que apoiará e tornará seu trabalho possível. Muitas dessas mulheres criam espaços de resistência que são o mais distante possível de instituições conservadoras, com o objetivo de sustentar seus compromissos radicais. Aquelas de nós que permanecem em instituições que não apoiam os nossos esforços de ser sujeitas radicais são atacadas diariamente. Nós perseveramos porque acreditamos que nossa presença é necessária, é importante. (HOOKS, 2019b, p. 122).

Esse fragmento sugere haver uma relação de punição, recompensa ou compensação entre desempenho econômico e comportamento cultural. O capitalismo aparece em hooks como um *mastermind* que liga e desliga as comportas do incentivo e da repressão conforme convém a sua máquina de edificar e destruir reputações. Enquanto muitos autores preferem realizar a manutenção do delírio de que há duas instâncias em separado – a ciência e os costumes, o cientista e sua condição social – hooks sustenta a necessidade do entendimento de que as situações operam em organicidade. Não seria o objeto e o observador, mas objeto-observado-pelo-observador. O papel de uma teoria crítica seria, portanto, escapar das forças que hoje parasitam seus potenciais analíticos, através da reprodução controlada de seus métodos e de uma passividade política disfarçada de cinismo intelectual.

Grosso modo, sua autoimposta missão é a de construir uma estrutura epistemológica que não seja um mero fruto da vontade de revide da violência simbólica perpetrada pelas classes dominantes às dominadas. Poucas coisas são mais simpáticas às elites do que os espetáculos de fúria cega, de negação indiscriminada que servem como espetáculos performativos de que há uma razão para os instrumentos de repressão – sejam eles de ordem francamente abstrata ou brutalmente legal – existirem na forma como existem. Nesse sentido, a obra de bell hooks, é uma proposta de reação, de libertação, de emancipação real, profunda e dolorosa, como são, aliás, as verdadeiras revoluções, que em um dia qualquer migram da angústia irritada das massas e alcançam a verdade instigante da vida.

Nas últimas décadas, com o desenvolvimento de novas interpretações sobre a questão racial no Brasil e no mundo (racismo estrutural, afro-pessimismo...) disseminou-se a ideia de que o papel da crítica seria o de empoderar as minorias com ferramentas de atuação que as possibilitem progredir dentro de sua própria luta individual. Depois do incentivo dos engajamentos, dos

movimentos por direitos civis, na década de 1950, por liberdades comportamentais que desaguarão no maio de 1968, parece ter existido uma frustração e a estratégia adotada foi uma espécie de casamento entre os ideais de conscientização e o individualismo declarado do neoliberalismo. Por isso, grande parte dos movimentos tende a acenar com aceitação – quando não entusiasmo – para as máquinas do funcionamento capitalista.<sup>6</sup> Como se fosse o capitalismo uma barreira intransponível dentro da qual o sujeito negro devesse aprender a se locomover, sem jamais contestar de forma consequente sólida e organizada (contestar *en passant* é permitido) o sistema econômico proposto.

Há uma chuva torrencial de iniciativas negras empreendedoras, onde a identidade não é apenas o combustível publicitário desses negócios, mas especificamente o produto que comercializam. *Rappers, influencers*, autores, autoras, ativistas culturais e líderes comunitários trabalham hoje na tarefa de encontrar um modo de ascensão social para a massa negra, convencidos que está que é mais profícuo estimular Jonas a instalar um *home theater* dentro da barriga da baleia do que auxiliá-lo a escapar de dentro dela. Sem dúvida, as demandas materiais urgentes são o argumento sustentador desse comportamento. Por isso, as mulheres negras – na maioria o epicentro de todo o processo social das comunidades negras – acabam se tornando alvo de interesse teórico para bell hooks. É razoável que se acredite que o fato dela mesmo ter sido uma mulher negra determinou que seu objeto de interesse fosse esse. E no fascínio do narcisismo acadêmico – onde jovens negros aceitam estudar somente autores negros que lhe digam somente coisas feitas sob medida para eles – se formou, como tártaro, a falácia de que hooks praticava a escrita de si, quando, na realidade prática falava daquilo que conhecia cientificamente, não por ser uma mulher negra, essencialismo rejeitado tantas vezes por ela, mas por ter vivido como uma mulher negra americana por toda a sua vida. Falava do que conhecia não porque isso dava a ela algum prazer, mas porque sua contribuição como pesquisadora só seria completa se seu objeto fosse inteiramente dissecável:

Desenvolver uma consciência feminista é parte crucial do processo pelo qual se desenvolve uma subjetividade negra radical. Declare-se ou não como feminista, não há sujeita negra radical que não tenha sido obrigada a confrontar e desafiar o machismo. Se, no entanto, essa luta individual não estiver conectada a um movimento feminista ainda maior, então toda mulher negra se vê reinventando estratégias para resistir, quando deveríamos deixar um legado de resistência feminista capaz de nutrir, sustentar e guiar outras mulheres e homens negros. Aquelas mulheres negras que corajosamente defendem o feminismo frequentemente carregam o fardo de críticas severas vindas de outras pessoas negras. Como sujeita radical, a jovem Michel Wallace escreveu um dos primeiros livros polêmicos sobre feminismo centrado em pessoas negras. Ela não se tornou um ícone cultural; em muitos aspectos, ela se tornou uma pária. (HOOKS, 2019b, p. 122).

---

6. Oportuno lembrar a célebre piada de Chris Rock, sobre a profusão de dentistas brancos em seu condomínio de luxo, fato que contrasta com a invisível exigência de excelência técnica para que negros alcancem a mesma qualidade de vida material. Ora, para que um indivíduo negro seja digno de alcançar uma remuneração vultosa, ele precisa ser capaz de algo extraordinário. Ele não poderia simplesmente ser dentista. Ele teria que, nas palavras do humorista, “ter inventado os dentes”. De toda sorte, isso nada tem a ver com performance, desempenho, extensão de mérito, e sim com utilidade. O sistema econômico não precisa de um dentista negro. E se não precisa, ele não deseja seu aparecimento. O sistema econômico precisa, isso sim, de alguém que seja capaz de inventar os dentes. E é somente assim que os indivíduos negros podem ter algum valor social. Nesse fragmento Chris Rock capta a essência racialista do sistema, no qual, a depender da dinâmica natural do sistema, oprimidos continuarão oprimidos e opressores continuarão opressores. Para uma acusação mais extensa e qualificada, cf. PIKETTY (2021).

Há, aí, portanto, uma teoria materialista negra em formação, cujos traços seminais serão os embates entre as promessas de emancipação feitas pelo Capital e as estratégias de aniquilação de reputação motivadas por esse mesmo Capital quando defrontado com aqueles que já se emanciparam. Aprofundando seu método, hooks investe contra a premissa de que existiria um conteúdo cujo teor trabalhe necessariamente em favor da comunidade negra.

A ideia de que a crítica cultural feita por pessoas negras deve se ater à questão da representação positiva ou negativa ou funcionar de uma maneira conveniente (isto é: ao falar da obra de uma pessoa negra, devemos dizer algo positivo ou correr o risco de sermos “silenciados”) deve ser continuamente desafiada. Recentemente um amigo cineasta me ligou para dizer que tinha visto várias antologias de escrita de mulheres negras sobre feminismo, e mesmo as editadas por mulheres negras não incluíam o meu trabalho. Ele não conseguia entender como meu trabalho poderia ser excluído de livros que se diziam críticos. Respondi dizendo que muitas vezes as pessoas não gostam do que digo ou do meu estilo de apresentação de ideias, e deixam isso claro ao ignorar meu trabalho. (HOOKS, 2019a, p. 43)

Ilusão muito cara à comunidade negra, a arte como fortalecimento da autoestima traz em seu bojo uma potência auto corrosiva que aproxima o artefato artístico da categoria publicitária e, não por acaso, toma de empréstimo suas estratégias, seus expedientes, e assim, sua fragilidade temporal. A função da publicidade é vincular como atravessamento, em um movimento que lembra, em performance, um cavalo de Troia. Ainda que muito se tenha avançado nas teorias da comunicação e que hoje não seja mais possível acreditar em uma mensagem que encontre seu alvo de forma passiva e inequívoca, permanece a evidência de que a arte precisa preservar sua ambiguidade discursiva enquanto a publicidade precisa extirpá-la no limite de seu funcionamento. No caso da literatura, por exemplo, a estratégia de circulação das obras de autoria negra não obedece a qualquer presunção de estabelecimento de debate sobre sua qualidade (debate esse já considerado, de saída, burguês, embora as figuras que comecem esse debate rejeitem qualquer referência aos termos da tradição marxista, porque rejeitam, por óbvio, o próprio marxismo). Ele agora se localiza na necessidade – por isso também a profusão de elogios a uma obra, com o adjetivo necessário, a um desejo de reconhecimento infantilizado, como de um ser humano adulto que em posse do descobrimento de que era belo, deseja obter agora um número de elogios suficientes ao vazio de elogios dos anos anteriores, em uma espécie de síndrome de São Bernardo.<sup>7</sup>

---

7. Ver RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*. Rio de Janeiro: Record, 2019.

Certamente, o fato de que muitos escritos críticos e criativos de autores negros tenham origem no âmbito acadêmico traz em si um perigo, visto que a universidade é basicamente uma estrutura politicamente conservadora que muitas vezes inibe o desenvolvimento de perspectivas diversas, novas ideias e estilos diferentes de pensamento e escrita. Às vezes, pessoas negras que conquistaram poder na academia assumem o papel de polícia secreta, vigiando ideias e trabalhos para garantir que nada que contradiga o status quo seja dito. Ao ensinar e escrever sobre a obra de escritoras negras muitas vezes me deparo com uma resistência significativa por parte dos alunos e dos colegas quando sugiro que devemos fazer mais do que avaliar positivamente esses trabalhos, e que abordá-los de forma crítica, com rigor, demonstra mais respeito do que aceitá-los passivamente. Quando peço aos alunos que reflitam criticamente sobre o maquinário da produção cultural (o modo como uma obra é divulgada, comentada, disseminada etc...) – visto que ele afeta o foco dado atualmente às escritoras negras, conectando esses processos à comoditização da negritude –, eles muitas vezes ficam incomodados. Os alunos tendem a considerar o foco dado às escritoras negras apenas em termos positivos. Achem difícil considerar a possibilidade de que uma obra não tenha obrigatoriamente um caráter positivo, e de que ela não necessariamente ofereça uma perspectiva não racista ou não machista, porque foi criada por uma pessoa negra. Esse desejo de simplificar a reação crítica de alguém, de fazê-la caber em um modelo que se resume a bom e ruim, aprovado e reprovado, é uma abordagem de formas de conhecimento que uma pedagogia emancipadora procura modificar. (HOOKS, 2019, p. 43).

A síndrome de São Bernardo se caracteriza por um desejo renitente de reproduzir as condições de agência do algoz, uma vez que este não pode mais ocupar essa função. O explorado, em posse de condições objetivas que agora tornam possível uma inversão social de papéis, passa a fruir a experiência anterior de humilhação e de submissão. O indivíduo desenvolve uma relação de cultivo e adulação a seu próprio passado, porque esse representaria para ele o elemento comprovador de sua trajetória vitoriosa.<sup>8</sup> Na última década, grande parte da minha disposição para a crítica tem encontrado especial resistência arrefecedora em um movimento que visa acertadamente equalizar a quantidade de intenção inquisitória em trabalhos que abordem obras literárias.<sup>9</sup> Contudo, tem sido particularmente difícil afastar a suspeita de que o processo de elaboração acadêmica de legitimação dos olhares, o traslado que pode conduzir um *insight* espiritualoso à categoria de hipótese científica e daí para uma tese ou tratado é pavimentado com as legitimações *ad hominem*, cuja principal estratégia de combate tem sido, ironicamente, o revide na mesma moeda. Assim, bell hooks aparece como um nome relevante para além do que se costuma dela afirmar (a saber: sobre certo valor que teriam seus escritos para a área da educação e para a crítica da metodologia científica no campo das ciências humanas), mas também para a edificação de um projeto que pretenda ajustar a teoria literária às altas demandas de um mundo contemporâneo que aprendeu a neutralizar as críticas das quais é alvo. Essa operação tem mais a ver com o processo de erosão da literariedade nas obras contemporâneas do que propriamente com o campo

---

8. Trata-se, contudo, de “uma liberdade que ainda permanece no interior da escravidão” (HEGEL, 2001, p. 134).

9. “Vivemos um momento em que a sociologia do gosto emerge como a tendência predominante. Lembre-se da primeira vez que você ouviu um comentário casual sobre “capital cultural” numa festa, tendo possivelmente a ver com a busca frustrada de alguém querendo adquirir tal “capital”. Ou de quando ouviu pela primeira vez alguém elogiar “a subversão do dominante no campo cultural”, ou usar as palavras “estratégia”, “negociação”, “tomada de posição no campo” ou “alavancagem” numa discussão sobre a carreira de um “produtor cultural” muito admirado (porque eram sempre carreiras e nunca obras particulares sendo discutidas). Você até poderia pensar: são banqueiros de Wall Street falando sobre fusões e aquisições – mas não, eram estudantes de literatura! Até que apareceram aqueles infográficos nas últimas páginas da revista *New Yorker*, guias semanais da ascensão e queda dos gostos derivados diretamente dos mapas do campo de poder de Bourdieu. Quase nada segue tão incontestemente hoje quanto a ideia de que a arte expressa sobretudo hierarquias de classe e de *status* – e apenas de modo secundário, lampejos de valor estético” (MORESCHI, 2014, p. 8-17).

da Teoria Literária em si. Isso não significa dizer, todavia, que as décadas de reflexão sobre o que foi produzido não legaram seus efeitos. É necessário reconhecer que muito do que se atribui ao desenvolvimento natural das literaturas consideradas marginais é resultado de um conjunto de pressões sociais, políticas e culturais ao qual nenhum pesquisador e nenhuma pesquisadora esteve imune.

## Das potências dialéticas

O fato de as produções de autoria negra serem tomadas como manifestações de identidades específicas – em contraste com identidades supostamente universais – não parece concernir aos autores negros e às autoras negras, quando o assunto é processo criativo. Todavia, curiosamente essa discussão passa a ter validade para autores e autoras negros quando percebem que pode haver repercussões comerciais eventualmente positivas pela publicização de uma ou outra perspectiva política. Esses efeitos demonstram que as estratégias de circulação das obras, de cunho estritamente comercial, já tomaram toda a extensão do campo estético e determinam agora não apenas o formato e o regime da exposição das obras, como também a independência intelectual dos autores e das autoras. Um dos efeitos disso é uma invisibilização do processo de criação literária negra, em nome de uma alienação artística que faz parecer que o objeto artístico nasce junto com o artista negro. Assim, mostra-se uma falsificação da materialidade. O meio se apresenta como criador da obra. E os artistas são recompensados somente como forma de incentivar seu comportamento social de auxílio ao controle da circulação das obras que produziram, em um modelo que propõe colocar quem faz arte como responsável pelo controle de seus efeitos sociais. Essa domesticação dos poderes da arte tem a ver com uma disposição para a construção de uma invisibilidade artística, um gesto representativo de motivação política e de interesse social. Ralph Ellison, em *Homem Invisível*, define essa existência como sendo fruto de um teatro social do cotidiano, no qual os indivíduos negros precisam representar quem são não sendo aquilo que, de fato, são. No limite, acabam por não discernir mais aquilo que é simulação daquilo que é autêntico.<sup>10</sup> O resultado disso é uma invisibilidade performática, um conjunto de gestos negros destinados a produzir uma autoinvisibilização, para que assim, despercebido, o agente possa assumir uma configuração social sem forma, que possa finalmente circular sem restrições, com liberdade absoluta para a realização de seu trabalho – de seu real trabalho, não daquilo que seu corpo produz como forma de garantir sua manutenção nesse mundo – que é fomentar a erosão de que é possível obter, de um eventual algoz, algo além de uma mera regalia de detento. Entretanto, todo sistema carcerário possui uma entrada. E por onde entram os conceitos podem sair as pessoas:

---

10. A autora aponta, ainda, um problema adicional, que é o da tentativa de interdição de reconhecimento de certas trajetórias biográficas. Em certo sentido, há um cerceamento da experiência negra, uma espécie de tentativa de controle social que visa a fazer crer que ser negro é uma espécie de selo que se pode perder a depender do comportamento: “Minha história foi reduzida a uma narrativa concorrente, percebida como uma tentativa de desviar a atenção do “verdadeiro” relato da experiência da mulher negra. Nesse encontro, a identidade da mulher negra foi tratada várias e várias vezes como um sinônimo de “vitimização”. A voz da mulher negra que era considerada “autêntica” era a voz da dor; somente o som da mágoa poderia ser ouvido. Nenhuma narrativa de resistência era compartilhada e respeitada neste espaço. Fui embora” (HOOKS, 2019, p. 103).

Como uma intervenção radical, devemos desenvolver atitudes revolucionárias em relação à raça e à representação. Para isso devemos estar dispostos a correr riscos. Os ensaios de *Olhares negros* têm o objetivo de inquietar e desviar, de serem disruptivos e subversivos. Eles podem aborrecer algumas pessoas, fazer com que se afastem ou se sintam chateadas. A ideia é essa: provocar e engajar. Como aquele retrato de Billie Holiday por Moneta Sleet que eu amo tanto, em que, em vez de uma imagem glamourizada do estrelato, somos convidados a ver a cantora numa postura de profunda de reflexão, os braços machucados pelas agulhas, as cicatrizes delicadas no rosto, e aquele olhar triste e distante. Quando encaro essa imagem, esse olhar negro, algo em mim se despedaça. Eu preciso recolher os pedaços e cacos de quem sou e começar tudo outra vez – transformada pela imagem. (HOOKS, 2019b, p. 42).

Assim, uma teoria crítica legítima não pode oferecer a seus adeptos nada além do que o exercício de liberdade de pensamento. A produção crítica de hooks não propõe inventariar as possibilidades do não, mas arquitetar as consequências lógicas do sim, para aqueles para quem a liberdade foi sempre oferecida como um bem em si, como uma condição necessária e suficiente, que uma vez cumprida não poderia legar aos seres que a possuem nada além de satisfação e prazer. Assim, seu modelo teórico resulta numa pedagogia estética, que passa por um acerto de contas do indivíduo com suas próprias prioridades, e que oferece a ele tanto quanto retira.<sup>11</sup> Seu desenvolvimento conceitual mira uma literatura que trate mais das coisas que o indivíduo descobriu do que daquelas que ele pretende descobrir; uma literatura que fale mais do mundo que o indivíduo habita do que do mundo que pretende habitar, para que finalmente se torne uma literatura que trate sobre o que um indivíduo negro pensa sobre o mundo, e não aquilo que ele acredita que deve pensar. Eis o caminho hooksiniano para a construção de uma teoria capaz de analisar o artefato literário negro dentro da evidência da matéria. E não apenas na superfície das autodeclarações.

## Referências

- BASTOS, Fernanda. *Os árbitros, as botas, as melancias e os postes*. Porto Alegre: Figura de Linguagem, 2021.
- HEGEL, Georg. *Fenomenologia do Espírito*. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.
- HOOKS, bell. *Anseios: raça, gênero e políticas culturais*. São Paulo: Elefante, 2019a.
- HOOKS, bell. *Olhares negros, raça e representação*. São Paulo: Elefante, 2019b.
- MARX, Karl. *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo, 2014.
- MORESCHI, Marcelo. Sociologia demais. *ALEA*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 277-286, jul./dez. 2014.
- MORETTI, Franco. *O burguês: entre a história e a literatura*. São Paulo: Três Estrelas, 2014.
- PIKETTY, Thomas. *Time for socialism: dispatches from a world on fire, 2016–2021*. New Haven: Yale University Press, 2021.

---

11. Razoável lembrar aqui, entretanto, os alertas de teóricas como Fernanda Bastos, especificamente no que diz respeito aos limites dos poderes do engajamento: “Embora a criação evidencie posturas políticas, é sempre problemático ligar a produção artística a agentes políticos específicos. As figuras da política possuem projetos que se moldam ao interesse de diferentes coletividades e que se ajustam ao espaço de poder ocupado e ao tempo, elementos nada sublimes. Ademais, o artista pode acompanhar um líder, mas dificilmente sua arte conseguirá fidelizar outras pessoas a se devotarem a um santo ou à sua causa” (BASTOS, 2021, p. 15).

WALKER, Alice. *We are the ones we have been waiting for: inner light in a time of darkness*. Nova Iorque: Weidenfeld & Nicolson, 2011.

WHITEHEAD, Colson. *The underground railroad: os caminhos para a liberdade*. São Paulo: Harper Collins, 2017.